

Propriedades das unidades fraseológicas e a sua delimitação em contraste com outras categorias afins

Iovka Bojílova Tchobánova

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Bolsreira da Fundação para a Ciência e a Tecnologia

1. Introdução

As unidades fraseológicas (UFs) ou os fraseologismos duma língua representam uma parte considerável do seu léxico; elas têm uma alta frequência no uso e não representam um fenómeno marginal e secundário. Na linguística, são objecto de estudo desde Bally (1909), mas ainda existem opiniões diferentes e contraditórias sobre a sua essência e as suas características. Tudo isso são factores que determinaram a escolha deste tema. O objectivo que nos propomos é estudar os traços distintivos, ou seja, a especificidade do fraseologismo em contraste com algumas categorias afins que partilham algumas das suas propriedades. Para cernir melhor o conceito do fraseologismo, este será contrastado sucessivamente com as colocações e os provérbios.

Num trabalho anterior (Tchobánova, 2004) foram destacadas algumas das características formais e semânticas dos fraseologismos, que se podem ilustrar com exemplos como:

O João *bateu a bota* (morreu)

A Joana tem de *engolir sapos diariamente* (suportar ofensas)

O Pedro *tem lata* (é descarado).

Entre as propriedades formais foram apontadas a sua *estrutura plurivocabular* e a sua *fixidez*. A fixidez exprime-se no facto que eles apresentam certa resistência a uma série de operações e transformações sintácticas como a expansão, a comutação, a formação da voz passiva, a pronominalização, etc.

Do ponto de vista semântico, outra característica que foi salientada, é a sua *não composicionalidade*, visto que os fraseologismos não refletem o significado dos seus elementos constituintes. O seu significado não é literal, mas figurado, metafórico, convencional. A transposição semântica que se opera neles envolve diferentes processos figurativos como a metáfora (cf. *pisar ovos*), a metonímia (cf. *tirar a camisa a alguém*), a hipérbole (cf. *fazer um bicho de sete cabeças*), etc., embora o falante nem sempre seja capaz de perceber as imagens.

A não composicionalidade semântica dos fraseologismos tem como consequência *a impossibilidade da sua tradução literal* para outras línguas.

Outra característica marcante dos fraseologismos é a sua *expressividade*. Eles são um meio muito apropriado para exprimir estados de ânimo, sentimentos, emoções. Desta maneira, cumprem uma dupla função – a função nominalizadora e a função expressiva. Eles têm como função denominar os objectos, as qualidades, as acções, etc., mas também denotar a afectividade e a avaliação subjectiva do locutor perante os factos enunciados, traduzindo determinadas intenções comunicativas.

É necessário destacar que os fraseologismos não são as únicas sequências fixas que apresentam as características citadas como estrutura polilexical, fixidez sintáctica, não composicionalidade semântica, sentido figurado, expressividade, intraduzibilidade literal, etc. Por esta razão impõe-se contrastá-los com outras categorias afins, como as colocações e os provérbios, destacando as semelhanças e as diferenças em cada caso.

2. Colocações

2.1. Definição

Têm sido dadas diferentes definições ao conceito que recobre o termo colocação. Assim, Margaret Cop (*“Collocations in the Bilingual Dictionary”* 1991: 2775-2776) define as colocações desde o ponto de vista da força de atracção que existe entre as duas partes constituintes e as situa entre as combinações livres e os idiomatismos: “Collocations are affinitive, bipartite lexical combinations which, in terms of the attractive force between their two component parts, can be situated between free combinations and idioms”. A mesma autora, no seu artigo *The Function of Collocations in Dictionaries* (1990: 35), cita exemplos do francês como *rentrer en COLERE*, un *PRIX dérisoire*, *REFUSER net*. Acrescenta que o falante não tem que criar estas combinações, ele tem que encontrá-las na sua memória. Os membros da colocação atraem-se um ao outro como as cargas eléctricas contrárias:

$$+A \rightarrow \leftarrow B-$$

André Clas (1994: 577) também salienta a “afinidade” entre os elementos da colocação que limita as suas possibilidades de combinação. Esta afinidade elimina algumas outras combinações e restringe o número dos sentidos possíveis (cf. *joie débordante*, *folle joie*, *jour funeste*, *jour néfaste*). Este autor destaca a diferença entre colocações e combinações livres, dizendo: “Ainsi *acheter un chapeau* n’est pas une collocation, car le sens de *acheter* ou de *chapeau* n’est en rien restreint ou limité. Il n’y a aucune affinité entre ces mots, puisqu’on peut acheter énormément de choses et mêmes des personnes». E mais adiante: «...pour qu’il ait collocation, il faut que les mots (...) aient une affinité de sens sans que la combinatoire des unités modifie les caractères sémantiques essentiels de ces unités».

Alain Polguère (2003: 134-135), no seguimento de I. Mel’čuk, define as colocações desde o ponto de vista da observância ou não observância do princípio da composicionalidade semântica. Sabe-se que, conforme o princípio da composicio-

nalidade semântica, o significado de um enunciado é o resultado da combinação do significado dos elementos que o constituem. Há casos em que este princípio não é observado; trata-se das expressões idiomáticas e, em parte, das colocações. Este autor define as colocações assim:

“L’expression AB (ou BA), formée des lexies A et B, est une collocation si, pour produire cette expression, le locuteur sélectionne A librement d’après son sens ‘A’, alors qu’il sélectionne B pour exprimer un sens ‘C’ en fonction de A». (cf. *grosse*[=B] *tempête*[=A]; *dormir*[=A] *profondément*[=B]; *pleuvoir*[=A] *des cordes*[=B]).

Na opinião de G. Corpas Pastor (1996:53) as colocações são sintagmas que apresentam certo grau de restrição combinatória, determinada pelo uso: “(...) colocaciones, es decir, unidades fraseológicas que, desde el punto de vista del sistema de la lengua, son sintagmas completamente libres, generados a partir de reglas, pero que, al mismo tiempo, presentan cierto grado de restricción combinatoria determinada por el uso.”

2.2. Origem do termo

A Grã-Bretanha é o país que deu origem a esse termo. O termo *colocação* aparece na década de cinquenta, nomeadamente nos trabalhos de J. R. Firth (*Papers of Linguistics*, 1939-1951). Firth, o pai do termo “colocação”, nunca esclareceu de forma explícita, o que entendia por colocação. Isso fizeram os seus discípulos da escola sistémica britânica (Halliday, Greenbaum, Sinclair, Cowie, Benson, etc.) Para Halliday (1966) o fenómeno da colocação parece reduzir-se ao co-aparecimento frequente das palavras lexicais no discurso. Para ele a colocação é a associação sintagmática das unidades lexicais.

2.3. Predecessores do termo “colocação”

A noção de colocação não é algo completamente novo porque está presente nos trabalhos de Charles Bally (1909) quando ele fala de *agrupamentos usuais* (fr. *groupements usuels*) e de *séries fraseológicas* (fr. *séries phraséologiques*) e que ilustra com exemplos do francês como *chaleur suffocante*, *chaleur accablante*, *chaleur sénégalienne*, *chaleur tropicale*, etc.

A noção aparece também nos estudos de V. V. Vinogradov (1947) com a denominação “combinações fraseológicas” que ele ilustra com exemplos equivalentes em português a *problema delicado*, *assunto delicado*, *situação delicada*, *operação delicada*, etc.

2.4. Estatuto dos elementos constituintes da colocação

Hausmann (1989: 1010) salienta que, na colocação, o estatuto dos dois elementos que se combinam não é igual. Um dos elementos, por exemplo, *assunto*, em *assunto*

delicado, é autónomo no plano semântico. O outro elemento, *delicado*, acrescenta uma caracterização que não modifica a identidade do elemento caracterizado. Chama-se *base* da colocação o elemento caracterizado e *colocativo* o elemento caracterizador que recebe a sua identidade só através da colocação.

É evidente que *a base* e *o colocativo* têm diferente nível hierárquico. *A base* é chamada também *palavra-chave* (Margaret Cop 1990: 36).

I. Mel'cuk (1979) distingue entre *Argumento* (*Basis* ou *Key Word*) e *Valor da Função Lexical*, enquanto R. Galisson (1981: 14) fala em *terme-noyau* e *terme-satellite*.

Os diferentes autores destacam que, do ponto de vista semântico, a base é mais autónoma do que o colocativo. Assim Alain Polguère (2003: 135) diz que a base é seleccionada livremente e é ela que controla a colocação: "On appelle base de la collocation l'élément qui, sélectionné librement par le locuteur, retient son sens dans la collocation et la controle."

2.5. Outras denominações do conceito de colocação

A colocação tem sido referida em português como *co-ocorrência lexical restrita ou privilegiada*, *combinatória fixa*, *solidariedade lexical*, *semi-frasema*, *combinação recorrente*, etc. que são traduções dos termos ingleses ou franceses [cf. *a closed or strong collocation* (Sinclair 1987), *a settles combination* (Cowie 1986), *a fixed or recurrent combination* (Benson 1986: 4), etc.].

2.6. Características das colocações

Na sua obra *Lexicologie e Sémantique Lexicale. Notions Fondamentales* (2003: 135) Alain Polguère aponta as seguintes características das colocações como fenómeno linguístico:

- i. Elles sont universellement présentes dans toutes les langues;
- ii. Elles sont omniprésentes dans les textes, qu'ils soient oraux ou écrits;
- iii. Elles semblent plus ou moins arbitraires, ne peuvent pas se traduire mot à mot d'une langue à l'autre et sont donc très difficiles à acquérir.

2.7. Padrões colocacionais

Os diferentes autores (Hausmann 1989: 1010, Clas 1994: 578, Corpas Pastor 1996: 66-76) repartem as colocações pelos seguintes grupos:

- i. Substantivo e Adjectivo (cf. *traço distintivo*, *chuva torrencial*);
- ii. Substantivo (Sujeito) e Verbo (cf. *o cão ladra*, *o vento amaina*);
- iii. Verbo e Substantivo (Objecto) (cf. *fazer uma pergunta*, *dar uma resposta*, *travar conhecimento*, *levantar dinheiro*);
- iv. Verbo e Advérbio (cf. *recusar categoricamente*, *beber sofregadamente*, *dormir profundamente*, *chover torrencialmente*);

- v. Adjectivo e Advérbio (cf. *extraordinariamente bom, gravemente ferido*);
- vi. Substantivo + Prep. + Substantivo (cf. *resma de papel, barra de chocolate, pitada de sal, manada de vacas, rebanho de ovelhas*).

2.8. Representatividade dos diferentes grupos

- i. O grupo *Substantivo e Adjectivo* é muito rico em combinações. Com frequência estas combinações ficam claras só em comparação com outras línguas. Geralmente, o adjectivo intensifica o substantivo no sentido positivo ou negativo (cf. *fonte fidedigna, relação estreita, ódio mortal*);
- ii. O grupo *Substantivo (Sujeito) e Verbo* está representado sobretudo pelos gritos ou movimentos característicos dos animais onde há só um verbo particular (cf. *o galo cacareja, o vento sopra*);
- iii. O grupo *Verbo e Substantivo (Objecto)* é fácil de determinar porque o verbo é semanticamente vazio ou quase vazio. O verbo desempenha a função de “operador”, enquanto o nome contém todo o semantismo (cf. *fazer uma pergunta, dar um golpe, tomar conhecimento, desempenhar um cargo*). Nestas construções os verbos suporte mais utilizados são *dar, fazer, pôr, tomar*, etc.
- iv e v. As categorias adverbiais (*Verbo e Advérbio* ou *Advérbio e Adjectivo*) são muito limitadas e frisam a banalidade do cliché (cf. *chover torrencialmente, desejar fervorosamente, recusar categoricamente, chorar amargamente, extraordinariamente bom, muito bom, diametralmente oposto*).
- vi. O grupo *Substantivo + Prep. + Substantivo* descreve a unidade de uma massa (cf. *barra de chocolate, fatia de bolo*) ou o colectivo e os constituintes, e também é muito limitado. São combinações de palavras onde entram muitos colectivos (cf. *ciclo de conferências, bando de aves, enxame de abelhas*).

2.9. Semelhanças e diferenças entre UFs e Colocações

A colocação distingue-se das UFs por sua fraca fixidez e por sua transparência. Mas, esta transparência não impede nada que a colocação seja imprevisível e representar um problema no ensino/aprendizagem da L2.

As colocações não são UFs porque não possuem um dos traços distintivos fundamentais da UF – o seu carácter semântico compacto. Do ponto de vista semântico as colocações são unidades analíticas e não sintéticas.

Nas colocações, um significado novo, figurado, adquire só uma das palavras (nos exemplos citados *alto cargo, convicção firme, vontade férrea* – os adjectivos *alto, firme, férreo*), e não o sintagma, como um todo, como acontece no caso das verdadeiras UFs.

3. Provérbios

Os provérbios são, regra geral, vistos como um legado cultural que se transmite de geração em geração e que é testemunho da sabedoria popular. Existe uma polémica entre os lexicógrafos acerca do problema se os provérbios devem ser incluídos ou não num dicionário fraseológico.

3.1. Denominação

Os autores portugueses, entre outras denominações, falam em: *provérbio*, *aforismo*, *máxima*, *dito*, *adágio*, *anexim*, *ditado*, *sentença*, *parémia*, etc. para designarem frases fixas de natureza afirmativa, sem estabelecer qualquer distinção entre eles (Chacoto 1994: 23, 25) (Brazão 1993: 17; Gama 2003: 9, 26).

Isso deriva do facto que nos dicionários, que se reproduzem uns aos outros, estes conceitos têm definições circulares que não são satisfatórias.

Nos trabalhos de alguns autores franceses faz-se a distinção entre provérbios e ditados com base no carácter metafórico ou literal do enunciado. Assim, Alain Rey no prefácio ao *Dictionnaire de Proverbes et Dictons* (1984: 11) afirma que a metáfora está associada ao provérbio, enquanto os casos de tal associação no ditado são raríssimos. Também Greimas (1960) estabelece uma distinção entre os enunciados metafóricos e os de expressão directa, classificando os primeiros de provérbios e os segundos de ditados.

3.2. Características dos provérbios

No seguimento de Rodegem (1984), Brazão apresenta algumas considerações sobre a noção do provérbio, sobretudo do ponto de vista estilístico, que expõe no seu trabalho de mestrado *Provérbios nos Cancioneiros medievais galego-portugueses* (1993) e num outro estudo de 1998, intitulado *Os provérbios estão vivos no Algarve*. Assim, defende que o conceito de provérbio poder-se-ia reduzir à “fórmula BRSMN, em que B corresponde à brevidade, R corresponde ao ritmo, S corresponde à simetria, M corresponde à metáfora e N corresponde à norma”. De facto, esta fórmula encerra em si as principais características do provérbio. O provérbio é, efectivamente, um texto com poucas palavras (cf. *Afastamento, esquecimento; Casados, afastados*), com ritmo, produto de rima interna, repetição, aliteração, oposição (cf. *Aprender até morrer; Quem canta seus males espanta; De pequenino é que se torce o pepino; Pobreza não é vileza; Quem com ferro fere com ferro será ferido*); com simetrias que se devem à estrutura bipartita da frase (cf. *Tal pai tal filho; Cada qual com seu igual; Quem tudo quer tudo perde; Muito riso pouco riso*). O provérbio pode ser mais ou menos ligado à metáfora (cf. *Quem tem telhado de vidro não atira pedras ao do vizinho; Quem semeia ventos colhe tempestades; Malhar no ferro enquanto está quente; Mais vale tarde do que nunca*). Geralmente, o provérbio veicula um ensinamento, um conselho moral ou prático, uma lição didáctica (cf. *Se queres conhecer o vilão põe-lhe a vara na mão; Nunca se diga: dessa água não beberei; Escolha o vizinho antes da casa; Mais vale*

prevenir que remediar; Quem muito abarca pouco abraça; Pau que nasce torto, tarde ou nunca se endireita).

Mas estas características não são comuns a todos os provérbios. Há muitos provérbios literais, ou seja, que não estão associados à metáfora, outros – sem ritmo, simetria (cf. *O amor não escolhe idades; Os amigos são para as ocasiões; Os homens não se medem aos palmos; Grão a grão enche a galinha o papo; A união faz a força*). Por esta razão, parece que a forma estilística não é um traço específico da natureza do provérbio.

3.3. Critérios para determinar os provérbios

No seguimento de Arnaud (1991) G. Gaspar Pastor (1996) determina cinco critérios para distinguir os provérbios de outras categorias afins como as unidades fraseológicas, as colocações, as fórmulas do discurso, as citações, etc. Estes cinco critérios são os seguintes:

- i. Lexicalização;
- ii. Autonomia sintáctica;
- iii. Autonomia textual;
- iv. Valor de verdade geral;
- v. Carácter anónimo.

- i. Quanto à lexicalização, tanto as UFs como os provérbios, respondem a este requisito – são unidades lexicalizadas, cristalizadas. Por cristalização entende-se o “processo linguístico pelo qual uma determinada combinação de palavras se fixa e adquire um significado próprio e independente dos seus constituintes”(Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, Editorial Verbo, 2001).
- ii. No que diz respeito à autonomia sintáctica, tem que destacar-se que os provérbios representam frases completas onde todas as posições estão ocupadas, inclusive a de sujeito, enquanto as unidades fraseológicas funcionam como elementos da frase na qual se integram. As UFs têm que combinar-se com outros elementos para formar uma frase completa.
- iii. Os provérbios são sequências autónomas da fala e como tais pronunciam-se com uma entoação distinta ao ser inseridos no discurso falado (G. Corpas Pastor 1996: 137).

Além de o provérbio se dizer com uma entoação particular, que o faz sabressair no contexto, regra geral, ele é introduzido por um identificador formal. Os identificadores formais ou “apresentadores” são definidos por G. Corpas Pastor (1996: 137) como frases ou palavras que cumprem duas funções principais. Por um lado, o falante distancia-se do enunciado, livrando-se de parte da responsabilidade, e por outro lado, introduzem os provérbios no discurso, salientando o seu carácter paremiológico.

Os identificadores formais mais frequentes em português são: “dizem os velhos”, “o povo tem em dizer”, “como diz o outro”, “lá dizia o outro”, “lá diz o ditado”, “como diz o provérbio”, “como quem diz”, “costuma-se dizer”, “tem-se em dizer”, “sempre ouvi dizer”, etc. (Carrusca 1974: 37-38; Chacoto 1994: 28, Gama 2003: 21).

- iv. As parémias oferecem um alto grau de generalização em comparação com as UFs, que se referem a situações concretas. Muitos provérbios têm o valor de verdade geral; são verdades gerais de validade atemporal. Por esta razão há restrições quanto ao uso dos tempos e os modos. São frequentes as frases sem núcleo verbal (cf. *De tal acha, tal racha; Amor zangado, amor dobrado; Casados, afastados; Afastamento, esquecimento*). Geralmente, os provérbios são frases que estão no presente do indicativo, que é a forma verbal neutra (cf. *Albarda-se o burro à vontade do Dono; Não há amor como o primeiro; Quem me avisa meu amigo é*). Abundam os provérbios com carácter prescritivo, o que determina a utilização do imperativo, na sua forma positiva ou negativa, ou do futuro (cf. *Ajuda-te que deus te ajuda; Não bebas o que não vejas, nem assines o que não leias; Nunca digas desta água não beberêi*).
- v. Quanto ao último critério, tanto as UFs como os provérbios, têm carácter anónimo, o que os distingue das citações que têm uma origem conhecida.

3.4. Semelhanças e diferenças entre provérbios e UFs

De facto, os provérbios têm alguns traços em comum com as unidades fraseológicas; distinguem-se pela sua fixidez e reprodução na fala, têm expressividade, frequentemente têm um carácter figurado, mas este carácter figurado é diferente da transposição semântica das UFs. A função dos provérbios é diferente – prescritiva, didáctica, moralizadora.

Outra diferença é que na base do seu conteúdo semântico está um juízo e não um conceito. Os provérbios não são elementos do sistema da língua; eles representam um género literário peculiar – o folclore.

Outra diferença, que se pode salientar é que, geralmente, a UF é parte da frase, enquanto o provérbio representa uma frase completa em que todas as posições sintácticas estão ocupadas, inclusivé a posição de sujeito.

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Jorge Manuel Evangelista (1994) *Estabelecimento e Formalização de Classes de Nomes Compostos*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- BENSON, Morton, Evelin BENSON & R. ILSON (1986) *The BBI Combinatory Dictionary of English: A Guide to Word Combinations*.

- BRAZÃO, José Ruivinho (1993) *Os Provérbios nos Cancioneiros Medievais Galego – Portugueses. Estudo Paremiológico e Recolha de Textos*, Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- BRAZÃO, José Ruivinho (1998) *Os Provérbios estão vivos no Algarve: pesquisa paremiológica em Paderne*, com a colaboração de Dulcelina Maria Coelho da Silva, Maria Isabel de Oliveira Maia Lima, Maria Solange Padinha Castro e Brito, Lisboa, Notícias (Coisas Nossas).
- CARRUSCA, Maria de Sousa (coord.) (1974 – 1976) *Vozes da Sabedoria*, 3 volumes, Lisboa, União Gráfica.
- CHACOTO, Lucília Maria Vieira Gonçalves (1994) *Estudo e Formalização das Propriedades Léxico – Sintácticas das Expressões Fixas Proverbiais*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- CLAS, André (1994) «Colocations et langues de spécialité», *Meta*, XXXIX, 4.
- COP, Margaret (1991) «Collocations in the Bilingual Dictionary», In *Worterbüder, Dictionaries, Dictionnaires (...) Encyclopédie Internationale de Lexicographie*, Berlin, Walter de Gruyter.
- COP, Margaret (1990) «The Function of Collocations in Dictionaries», in: Tomas Magay/Judit Zigany (eds.): *BudaLEX'88, Papers from the Euralex Third International Congress* in Budapest, September 1988, Budapest 1990.
- CORPAS Pastor, Gloria (1996) *Manual de Fraseologia Española*, Madrid, Editorial Gredos.
- CUNHA, Celso e L. F. Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- GAMA, Mónica Sofia dos Santos Rodrigues Almeida (2003) *A Compreensão do Provérbio em Contexto Didáctico*, Tese de Mestrado em Linguística Aplicada, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- GREIMAS, A.(1960) «Idiotismes, Proverbes et Dictons», in *Cahiers de Lexicologie*, t. II, 1960.
- GROSS, Gaston (1996) *Les Expressions Figées du Français*, Paris, Orphys.
- HAUSMANN, Franz Josef (1989) «Le dictionnaire de collocations», in: Franz Josef Hausmann, Oscar Reichmann, Herbert Ernst Wiegand, Ladislav Zgusta (eds.) *Dictionaries, Dictionnaires, Wörterbücher, International Encyclopedia of Lexicography*, Berlin, New York, Walter de Gruyter.
- POLGUERE, Alain (2003) *Lexicologie et Sémantique Lexicale. Notions Fondamentales*, Imprimé au Canada, Les Presses de l'Université de Montréal.
- RANCHHOD, Maria Elisabete Almeida Marques (1988) *Construções Nominais com Verbo Suporte ESTAR*, Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- REY, Alain (1984) «Préface», in: Montreynaud, Florence, Agnès Pierron et François Suzzoni, *Dictionnaire de Proverbes et Dictons*, Les Usuels du Robert, Paris: Dictionnaires Le Robert.

- RODEGEM, F. (1984) “La Parole Proverbiale”, in *Richesse du Proverbe – Typologie et Fonctions*, vol. 2, Lille, Presses de l’Université de Lille 3.
- TEIXEIRA, Inês dos Anjos (1997) *Nomes Compostos com Núcleo Verbal. Contributo para a Determinação das suas Propriedades Morfológicas, Sintáticas e Semânticas*, Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.
- TCHOBÁNOVA, Iovka Bojílova (2004) “Características das Expressões Idiomáticas na Língua Portuguesa”, Comunicação apresentada no âmbito do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas, Coimbra.